

O amor é espiritualidade

Maria Eduarda de Carvalho Ibiapina¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v8i2.56978>

A minha família é majoritariamente evangélica, então o meu olhar para a espiritualidade desde muito cedo foi moldado por essa doutrina. Porém, chegou um certo momento da minha vida que eu saí da bolha onde eu vivia e comecei a vê-la de outras formas. Acredito que mesmo com todas as explicações do dicionário, ou religiosas, ou até mesmo científicas, na minha opinião a espiritualidade não é algo que se explica, mas sim que se sente. Para mim, sentimentos são espirituais: não são os sentimentos que explicam a espiritualidade, mas sim o contrário.

Quando eu digo que a espiritualidade é para ser sentida, estou querendo dizer que ela é muito mais que religiões e dogmas. Ela é o amor que você sente, é saudade que bate no peito quando você sente um perfume conhecido, é a fé que você tem no mundo e nas pessoas, é a esperança que chega quando precisa, é o conforto no coração em dias ruins, é a bondade que você transmite para o outro sem se preocupar com quem ele é. Ela também pode ser a raiva, o rancor. E com toda a certeza, a espiritualidade são aqueles que nos guardam espiritualmente, psicologicamente e fisicamente, nossos protetores espirituais. A espiritualidade é aquele sentimento de proteção, de que você está sendo cuidado por algo muito maior que qualquer coisa humana ou que qualquer ser humano. E que seria até mesmo impossível explicar com palavras ou com definições. Para entender é preciso viver, sentir, ver e estar.

A espiritualidade sempre foi muito presente em minha vida, nos mínimos detalhes, nos mínimos pedidos, nos agradecimentos, nos dias bons e nos dias ruins, e além de estar presente, ela sempre foi muito generosa comigo. Minha família, principalmente a minha mãe que por muitos anos de sua vida foi evangélica e ainda hoje acredita no Deus protestante, costuma dizer que eu sou um milagre e que minha vida, a minha existência foi muito benquista, não só pela minha família, mas principalmente por Deus.

A gravidez da minha mãe foi uma gravidez de risco e as chances dela me perder eram grandes, então só de eu ter nascido foi uma bênção, a primeira de muitas. Porém, quando eu afirmo que a espiritualidade sempre foi generosa comigo, não estou dizendo

¹ Universidade de Brasília. E-mail: mariaeduardacarvalho600@gmail.com.

somente de todos os livramentos que ela me deu, ou da oportunidade de estar aqui. Estou falando principalmente de todas as pessoas que ela colocou em minha vida. Desde que eu nasci eu estou rodeada de muito amor, o amor me cerca de todos os lados e como diz o Emicida, o amor é espiritualidade. E de todas as proteções que eu já recebi o amor foi a melhor delas. Eu digo proteção porque não tem nada mais seguro do que a certeza do amor. E eu fui amada pelos que vieram antes de mim e pelos que vieram junto comigo e aprendi a amar com os mesmos.

Eu vim de uma geração de mulheres muito fortes, corajosas, mas principalmente mulheres de muita fé e muito amor. A minha mãe, a Lu, é sem dúvidas a mulher de mais fé que eu já conheci em toda minha vida e ela tem um companheirismo muito forte com o seu Deus. É tão impressionante, tão bonito e uma das coisas que eu mais admiro é que ela não é uma mulher religiosa, ela é uma mulher espiritual que expressa a sua espiritualidade com muito amor, e respeito ao próximo e a si mesma. Uma mulher que acredita muito e que tudo que conquistou foi pela sua coragem e principalmente pela sua fé, a mãe e amiga que todo mundo deveria ter e que por muita benevolência da espiritualidade e dos seres espirituais que me protegem eu tive a honra de tê-la como mãe e como amiga. A Amanda, minha irmã mais velha, foi quem me ensinou a me amar, a amar meu cabelo, meu nariz, minha cor, minha ancestralidade, foi quem me ensinou a ter orgulho de quem eu sou e de quem veio antes de mim. Minha irmã é o amor no seu estado mais puro e espiritual. Eu fui criada pelas duas, minha mãe e minha irmã que eu costumo chamar de irMãe. E tudo que eu sou hoje, todo o orgulho que eu sinto de mim e de quem veio antes de mim, eu devo a elas.

Acredito que todas as mulheres que foram colocadas na minha vida, minha mãe, minha irmã, minhas tias, minha prima, minhas avós Dona Margarida e Dona Graça, foram escolhidas a dedo pela espiritualidade para estarem na minha vida e para estarem uma na vida da outra. Carregamos juntas muitas histórias, histórias de luta, de alegria, de esperança, de fé, de amor, histórias que ninguém nunca nem mesmo vai saber. Mas uma sempre levantando a outra, pela outra, com a outra. Pode até parecer que estou dando importância demais a mim mesma por afirmar que tamanha bondade foi me dada assim que nasci, de crescer com mulheres tão incríveis ao meu redor, porém que seja, não existe outra explicação que não seja espiritual.

Porém, das mulheres que estão ou que estiveram em minha vida, quero falar especificamente de uma, Maria das Graça, Gracinha, minha avó, mãe da minha mãe. Dona Graça era uma mulher solteira que tinha duas filhas nos anos 70 e também era

espírita, e sempre lutou muito para ser quem era em uma sociedade tão preconceituosa. Ela perdeu seus pais muito nova, e desde então seguiu sua vida sozinha, conhecendo o mundo até onde lhe era permitido. Quando a minha tia completou 2 anos, minha avó decidiu vir para Brasília. Uma jovem piauiense de 24 anos perdida no quadradinho. Passou por muitas coisas, tantas que muitas eu até mesmo desconheço. Trabalhou em empregos abusivos, esteve com homens abusivos em empregos e na vida pessoal. Foi mulher, foi mãe, foi amiga, ajudou, foi ajudada, errou e acertou, foi humana. Mas uma coisa que Dona Graça nunca perdeu foi a fé na vida.

Eu não sei em que momento o espiritismo entrou na vida da minha avó, existem coisas que se foram junto com ela. Na época, por alguns preconceitos da minha família, a religião dela não era algo muito falado e nem mesmo respeitado. E quando ela se foi, eu tinha 5 anos, não tive a oportunidade de escutar suas histórias sobre. Sei muito pouco, nem mesmo sei se de fato era espiritismo ou outra religião afro-brasileira. E por muitos anos eu acumulei perguntas e ao mesmo tempo achei que as respostas me foram roubadas, pelo preconceito e até mesmo pela espiritualidade por ter a tirado de mim tão cedo. Mas mesmo sabendo pouco, sempre soube que ela ia no terreiro aos domingos e sei suas outras histórias que só me provam o quão espiritual e boa Dona Graça era.

A Gracinha era aquele tipo de pessoa que todo mundo deveria conhecer, ela era a espiritualidade no seu mais puro estado. Ela ajudava todos que precisavam de ajuda, não importa quem era ou como era. Até colocar para morar em sua casa, ela colocava. Ela falava que quem tem amigo, tem tudo, e ela foi esse tudo para muita gente. Tirava dinheiro de onde não tinha, pedia emprestado para outras pessoas só para ajudar quem fosse que estivesse precisando. Ela foi o socorro, a esperança e a alegria de muitas pessoas. Era só chamar a Gracinha que ela resolvia, não importa qual problema era, ela dava um jeito.

O enterro da minha avó foi mais uma prova da mulher incrível que ela era. Foi do jeito que ela iria amar, muita gente que a amava e que tinha gratidão por ela e pela sua vida. Muitas lágrimas, mas muitas risadas também, é até estranho contar que houve sorrisos no enterro de alguém, mas quando o assunto é Maria das Graças é impossível não lembrar dela com muita graça, com muita alegria e lembrar de todos os sorrisos que ela arrancou de tantas pessoas. Como disse, ela nunca perdeu a fé na vida e nunca deixou que as pessoas ao seu redor a perdesse também, minha mãe herdou isso dela.

Uma vez eu li em algum lugar que a saudade é o azar de quem teve muita sorte, e nunca li algo tão real quanto. Se sentimos saudade é porque tivemos a sorte de ter ou de

conhecer alguém tão bom, a ponto de deixar saudade quando se foi. SAUDADE, saudade também é espiritualidade.

Algumas pessoas falam que ela e eu fomos um encontro de almas, e eu acredito, acredito que era algo espiritual. De tantas bondades que me ocorreram, essa foi uma delas: encontrar minha melhor amiga assim que nasci. Com toda a certeza ela amava os outros netos dela, porém comigo, entre nós foi diferente, tínhamos uma conexão de outro mundo. Era eu e ela sempre. Ela fazia questão da minha presença pela manhã e na hora do almoço, mesmo que eu sempre comesse seus batons e gastasse seus cremes de pele. Ela era minha pessoa favorita no mundo, minha melhor amiga e acredito que eu também era sua pessoa favorita, de alguma forma inexplicável, nos entendíamos entre a gente, nas nossas brincadeiras, nas nossas conversas. Todo dia ela chegava com um presente para gente, na maioria das vezes era aquele batom de morango com formato de morango. Falando em batom, uma vez ela ameaçou de comprar um batom de pimenta para ver se eu parava de comer os seus batons, não parei, e no fudo ela nem mesmo se importava.

Quando eu era criança, eu tinha uma ligação com a espiritualidade muito forte, eu via coisas, sentia coisas, minha avó sabia, porém nunca interferiu nisso, para as outras pessoas ela falava que era coisa de criança, mas eu sei que ela sabia que não era e eu também sei que não era. E, hoje em dia, eu sinto que a religião seria algo que ligaria muito mais a gente. Ela entenderia e me ajudaria entender a sensação de pertencimento que eu tenho quando tenho contato com algumas religiões, como a umbanda. Não tenho nenhuma religião por enquanto, mas às vezes tenho a sensação que a espiritualidade me cerca de todos os lados, um chamado, para algo que não comprehendo ainda.

O Calundu me conectou muito com essa parte da minha vida, com minha vó. E desde que eu entrei soube que isso iria acontecer, na verdade, foi esse o motivo de eu ter entrado no grupo Calundu, para poder entender um pedaço de mim que por muitos anos ficou sem explicação. Acho que entrar também foi um trabalho da espiritualidade. Existem coisas e perguntas que eu terei que descobrir sozinha e por conta própria, mas ter conhecido muitas coisas, ter sentido minha avó em cada reunião ou ter a sentido escrevendo esse texto foi algo muito especial para mim. Eu sou muito grata ao grupo Calundu pela oportunidade que foi me dada, e por ter me ajudado tanto nesse último ano. Assim como a minha família, minha mãe, minha irmã e minha avó Gracinha, o Calundu também foi um presente espiritual.

Recebido em: 15/11/2024

Aceito em: 01/12/2024